



PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL: CONSOLIDAÇÃO DE UM LABORATÓRIO DE ENSINO DE LÍNGUAS

Liane Beatriz Rotili

Nairana Radtke Caneppele Bussler

Anderson Amaral de Oliveira

Daniel Knebel Baggio

Resumo

O objetivo deste estudo é analisar a consolidação de um laboratório de línguas em um processo de internacionalização de uma Instituição de Ensino Comunitária (ICES), como forma de fomentar o desenvolvimento regional. A ICES em estudo atua na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul a sessenta anos, e utiliza um laboratório de línguas (LELU) como parte da sua estratégia de internacionalização. Os dados foram obtidos através de entrevista com o coordenador do LELU, e por meio de relatórios da plataforma de ensino de inglês utilizada pela ICES, sendo utilizado o SPSS, versão 21 (*Statistical Package for the Social Sciences*) para realizar análises estatísticas descritivas e de frequência dos dados coletadas nos relatórios e documentos do laboratório de línguas e dos relatórios da plataforma de inglês online. Como principais resultados evidencia-se a consolidação do LELU no processo de internacionalização da ICES atuando em diversas frentes: ensino de inglês à distância em ambiente virtual, encontros presenciais de conversação e grupos de estudos em inglês, atuando de forma consistente e contínua com alunos, bolsistas e professores de diferentes projetos de pesquisa.

Palavras-chave: Internacionalização; Desenvolvimento Regional; Laboratório de Línguas.

1 Introdução

Distâncias geográficas, diferentes idiomas e culturas não podem mais ser utilizados como barreiras para a internacionalização de pessoas e instituições de ensino superior comunitárias (ICES)¹ que promovem o desenvolvimento regional. No início do século XXI foi possível identificar algumas mudanças com relação a educação superior no Brasil, com o objetivo de fomentar a produção e a disseminação de conhecimento, considerando-se para isso diversas medidas, entre elas, o aumento da mobilidade acadêmica em nível internacional.

A internacionalização pode ser compreendida como o conjunto de tendências à intensificação das relações globais de interação e intercâmbio, a interligação mundial dos campos da comunicação social e a harmonização dos modelos e estruturas sociais

¹ A abreviatura ICES refere-se a instituições de ensino superior comunitárias de acordo com a Lei Federal nº 12.881/2013 (BRASIL, 2016).



(SCHRIEWER, 1995). Para Luhmann, (1975, p.57), "em termos evolutivos, é um fenômeno totalmente novo". A relação da internacionalização com a interação social gera benefícios para as sociedades, para a educação e para os profissionais que buscam modelos de trabalho e agregam conhecimento mediante relações com outras culturas e consequentemente desenvolvem o local onde voltam a estar inseridos.

Um laboratório de ensino de línguas representa no meio acadêmico um espaço diferencial e qualificado que possibilita a vivência de um processo linguístico, cultural e institucional em transformação. Para além de um espaço físico, representa fundamentalmente a abertura dialógica de uma cultura predominantemente monolíngue para o mundo do conhecimento da produção intelectual humana em escala internacional, se valendo da língua inglesa como possibilitadora dessas trocas.

Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar a consolidação institucional de um laboratório de línguas no processo de internacionalização de uma ICES, como forma de fomentar o desenvolvimento regional. Nessa perspectiva, a pesquisa tem como fundamentos as temáticas do processo de internacionalização da educação superior, laboratório de ensino de línguas universitário e, o processo de internacionalização e o desenvolvimento regional. Após a descrição dos processos metodológicos utilizados, os resultados são analisados e, por conseguinte, as considerações finais apresentadas, juntamente com as sugestões para futuras pesquisas.

2 Referencial Teórico

2.1 Processo de Internacionalização da educação superior

A internacionalização da educação superior nas últimas décadas, tem apresentado mudanças com relação a complexidade, volume e alcance, assumindo posição de destaque no cenário mundial. No entanto, esse processo está associado a diversos estágios e formas de motivações nos diversos países. Para Lima e Contel (2008, p. 21) "o processo de internacionalização da educação superior está na agenda dos dirigentes das IES brasileiras, tanto públicas quanto particulares. " Com relação aos recursos para a realização de tal movimento, Franco (2002, p.313) justifica que:

Pode-se dizer que os recursos são cada vez mais escassos por dois motivos: a) no plano internacional, julga-se que no atual estágio de desenvolvimento do Brasil não é possível o País permanecer prioridade na



agenda das agências de cooperação internacional; e b) no plano nacional, o governo brasileiro tem sido cada vez mais criterioso na concessão de bolsas internacionais, uma vez que entende que os programas de pós-graduação do País já se encontram em elevado estágio de maturidade, e que poucos projetos de pesquisa justificariam o investimento requerido.

As políticas de internacionalização da universidade, segundo Krawczyk (2008, p. 45) “encontram-se principalmente no campo de Cooperação Internacional de diferentes instituições governamentais de desenvolvimento de recursos humanos de ensino superior e de desenvolvimento científico e tecnológico.” A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) está vinculada ao Ministério de Educação (MEC), possui um programa de cooperação internacional, que tem como objetivo, desenvolver as atividades da pós-graduação brasileira no contexto mundial, apoiar os grupos de pesquisa brasileiros por meio do intercâmbio internacional, buscando a excelência na pós-graduação. As ações são coordenadas pela Diretoria de Relações Internacionais (DRI) (CAPES, 2017).

A principal atividade da Cooperação Internacional da CAPES se dá por meio de acordos bilaterais, programas que fomentam projetos conjuntos de pesquisa entre grupos brasileiros e estrangeiros. A CAPES financia missões de trabalho (intercâmbio de professores), bolsas de estudo (intercâmbio de alunos), além de uma quantia em dinheiro para o custeio das atividades do projeto. É imprescindível que os grupos de pesquisa brasileiros estejam ligados a programas de pós-graduação reconhecidos pelo MEC, preferencialmente com conceitos 5, 6 ou 7 na última avaliação da CAPES (CAPES, 2017). Para Krawczyk (2008, p. 45) “ainda que estas instituições tenham sido criadas com essas especificidades, na atualidade, elas são bem mais tênues, desenvolvendo ambas políticas de desenvolvimento de pesquisa e formação de recursos humanos. ”

A ICES em estudo, em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2015-2019, prevê uma política de internacionalização incentivando ações para fortalecer o relacionamento com outras instituições de ensino no exterior, possibilitando ao estudante desenvolvimento científico e a troca de conhecimento através da mobilidade acadêmica. Ela acontece por meio de parcerias com instituições internacionais de todo o mundo. As possibilidades de intercâmbio e de aprimoramento em língua inglesa são gerenciadas pelo Escritório de Relações Internacionais, ligado à Reitoria, que auxilia os estudantes interessados nessas experiências.

Conforme previsto em seu PDI, um dos grandes desafios da ICES para os próximos anos refere-se à internacionalização do fazer universitário. Atualmente, as principais



iniciativas têm envolvido a mobilidade acadêmica, seja no encaminhamento, seja no recebimento de estudantes estrangeiros. A etapa que exige um fortalecimento institucional que envolve o estabelecimento de parcerias com instituições internacionais a partir das linhas de pesquisa dos programas *stricto sensu* majoritariamente, o que permite a densificação de resultados das pesquisas conjuntas e a elevação da mobilidade docente. A ICES também adere a programas governamentais que incentivam a internacionalização.

Compreende-se que a língua inglesa é o canal universal de comunicação entre os países e uma das línguas mais utilizadas no mundo. Para a ICES, conforme descrito em seu PDI, fomentar o ensino e aprimoramento desta língua se constitui em outra estratégia adotada visando à internacionalização, sendo este um dos maiores desafios a serem vencidos. Sendo assim, duas iniciativas são implementadas para possibilitar o aprendizado da língua inglesa: O fomento ao desenvolvimento de cursos de língua inglesa e o subsídio institucional para que o público interno possa realizar os cursos.

Como forma de atender a essa demanda, foi desenvolvido o curso Inglês no Campus pelo curso de Letras e seu Laboratório de Ensino de Línguas, subsidiado institucionalmente, considerando-se a não obtenção de lucro na sua operacionalização. Desse modo, passa a ser mais acessível aos alunos bolsistas de iniciação científica, tecnológica, de docência, e extensão, bem como, para os demais estudantes, professores e funcionários. É importante ressaltar, que aos alunos adscritos à programas de bolsas, passou-se a exigir de modo compulsório e inerente às atividades de pesquisa, e extensão, a inscrição em cursos de inglês, seja no programa institucional, em outros de sua preferência ou que tenha nível de proficiência já atestado.

2.2 Laboratório de Ensino de Línguas Universitário

Os laboratórios de ensino de línguas universitários são espaços especialmente constituídos em seus recursos materiais e humanos para proporcionar o estudo, a prática e a vivência intensiva da língua-alvo. Assim, esses órgãos tornam-se necessários nas universidades que desejam assumir o protagonismo em suas ações internas e externas, como produtoras e de disseminadoras de conhecimentos, em língua materna e estrangeira. Considera-se a abertura linguística institucional uma via de mão dupla, tal que ao mesmo tempo que dissemina, recebe o fluxo de produções e conhecimento de referentes globais.



Segundo Santos (1999) a dinâmica dos relacionamentos e a democratização de acesso a um universo de informações modificou com o surgimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC). A sociedade contemporânea pode ser chamada ora de sociedade da informação (WERTHEIN, 2000) e ora sociedade do conhecimento, na relação ao saber crítico diante desse universo de informações, educação e processos formativos (LÉVY, 1999). Com relação à democratização do acesso a esse universo de informações, Castells (2006) afirma que uma média de 97% da informação do planeta está digitalizada e que 80% dessa informação está disponível para acesso na internet.

Um laboratório de ensino de línguas universitário atua em diferentes frentes: no ensino, atuando na formação teórica e prática de alunos de cursos de letras em língua materna bem como em idiomas estrangeiros, possibilitando que seus estudantes entrem em contato com diversas realidades de seu futuro campo de atuação profissional; na pesquisa, problematizando aspectos teóricos e práticos do ensino e do funcionamento das línguas, culturas e literaturas propondo avanços em termos de conhecimento acumulado; e na extensão universitária, de modo a compartilhar com a comunidade acadêmica e externa os resultados de suas pesquisas e experimentos, oferecendo a inovação, a prática através de ações de ensino, formação continuada e prestação de serviços.

No contexto de ensino do laboratório de línguas universitário em questão, são ofertados ao público como atividades de extensão universitária: cursos de idiomas (inglês para fins gerais, inglês para fins específicos e inglês para fins acadêmicos - EGP/ESP/EGP), *online* e presencial, grupos de conversação em língua inglesa e espanhola com alunos intercambistas voluntários, grupos de leitura orientada, cursos de proficiência/suficiência em língua inglesa espanhola, estudos dirigidos em Inglês para Fins Específicos e Acadêmicos (ESP/EAP) em língua inglesa e serviços de revisão e tradução de pesquisas acadêmicas.

Os cursos e as atividades presenciais oferecidos como os grupos de conversação, possuem por base teórica a abordagem comunicativa (RICHARDS 2006, UR 2012, RICHARDS AND RODGERS 1999), não significando, porém, que o ensino de competência gramatical não ocorra, e sim, que os aprendizes sejam expostos a mostras significativas de linguagem. Para Vygotsky (2007) a aprendizagem é um processo ativo que se dá ora interpessoalmente ora internamente, sendo que o sujeito age sobre o meio, partindo de uma mediação daquilo que esse sujeito já conhece com aquilo que o sujeito é capaz de aprender



Considerando-se o envolvimento do ensino de línguas com o emprego de recursos tecnológicos, a universidade disponibiliza cursos de inglês *online* com a possibilidade de aprofundamento dos estudos de maneira presencial no laboratório de línguas. A literatura referencia o *blended learning* (GARRISON e KANUKA, 2014) como uma grande possibilidade de aliar o ensino *online* com práticas presenciais, potencializando ambas as dimensões, proporcionando a aquisição da linguagem de uma maneira mais efetiva. O curso *online* baseia-se prioritariamente no desenvolvimento das habilidades de leitura, compreendidas como indispensáveis aos acadêmicos de nível superior.

O processo de compreensão de textos escritos e os modelos de leitura podem ser segundo Nuttal (1996), um processo de leitura ascendente ou descendente. O processamento ascendente ou *bottom-up* tem como prioridade o processamento do texto, trabalhando as estruturas do mesmo, sendo que como o leitor faz pouco ou nenhum uso do contexto e de seu conhecimento de mundo, terá dificuldade de sintetizar as ideias principais (KATO, 1999). Já o processamento descendente ou *top-down*, ao contrário do modelo anterior, o texto deixa de ser o foco e as informações não-visuais tornam-se prioridade, sendo que utiliza de sua inteligência e experiência e faz uso de inferências (NUTTAL, 1996), tornando o leitor, segundo Kato (1999), fluente, veloz, pois utiliza adivinhações, o que proporciona que apreenda facilmente as ideias gerais e principais do texto. Goodman (1967) defende a leitura como um jogo psicolinguístico de adivinhação, envolvendo interação entre o pensamento e linguagem, sendo desnecessário percepções precisas e identificação de todos os elementos textuais. Smith (1989) também enfatiza o papel do leitor, e afirma que o importante é aliar a informação visual ao conhecimento não visual, sendo o leitor que é fluente já possui a informação ortográfica assentada e tende a pular sobre palavras desconhecidas. O modelo interativo de Rumelhart (1977) une o conhecimento linguístico e o conhecimento prévio, integração os dois modelos, o ascendente e o descendente, ou seja, o leitor deve analisar tanto os aspectos microestruturais como macroestruturais do texto.

Dessa maneira, o desenvolvimento de atividades que unem diversas dimensões do fazer universitário como a formação inicial de professores de línguas, a extensão universitária e a prestação de serviços, e a pesquisa científica, possibilitam que um laboratório de línguas seja central no desenvolvimento da universidade como um ambiente plurilíngue e multicultural, ampliando e aperfeiçoando seu fazer, abrindo suas fronteiras geopolíticas por meio do intercâmbio linguístico e pela cultura do conhecimento.



2.3 Processo de Internacionalização e o Desenvolvimento Regional

A educação e a cultura passaram a ser concebidas como parte integrante da cidadania e tornaram-se direito dos cidadãos após as revoluções sociais do século XX. A universidade tornou-se então, uma instituição social inseparável da ideia de democracia e de democratização do saber (BERNHEIM, 2008). Com relação a qualidade e eficácia destas instituições, Douglass (2010, p. 15) afirma que:

A universidade brasileira está ganhando rapidamente na sua qualidade e eficácia, em todas as áreas, em parte devido ao apoio contínuo dos governos federal e estadual, mas também porque é crescente a percepção de que o Brasil precisa de uma rede de qualidade nas universidades de pesquisa, para o desenvolvimento econômico.

Panizzi (2006) ressalta que a educação, além de estratégica para o desenvolvimento das nações, é um direito, conforme apresentado na Conferência sobre Educação Superior (CMES), em sua declaração de Paris. A LDB nº 9.394/96, em seu Art. 43 descreve que a educação superior tem por finalidade:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua; III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação; V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração; VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade; VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares. (BRASIL, 1996)

Sendo assim, partindo do pressuposto de que as ICES estão cumprindo com sua finalidade, compreende-se que o conhecimento científico contribui com destaque para o



desenvolvimento da economia, da cultura, da sociedade e a pesquisa como um processo sistemático de construção do conhecimento, tem a capacidade de gerar novos conhecimentos ou sistematiza conhecimentos já existentes (NOGUEIRA, 2000). Com relação a internacionalização do ensino superior, KNIGHT (2012) afirma que foi da globalização que surgiram as influências positivas e negativas, e embora os dois processos sejam fundamentalmente diferentes, há entre eles um elo de grande proximidade, ambos proporcionam e geram o desenvolvimento e são inevitáveis.

Murphy (1999) descreve os impactos positivos da internacionalização ocorrem por meio de três mecanismos: a distribuição de conhecimento e tecnologia mundiais, a padronização de padrões de qualidade, e a transferência de ideias complementares para países embarcando em novos projetos políticos, econômicos e sociais. Sendo assim, esse processo não se limitar apenas ao intercâmbio das partes envolvidas, mas deve atuar através de um processo articulador proporcionando inovações e desenvolvimento.

3 Metodologia

Este estudo foi constituído sendo uma pesquisa social com finalidade de pesquisa pura. Utilizou-se um plano de pesquisa de natureza descritiva com abordagem quantitativa e qualitativa, logo, a estratégia empregada no que se refere aos procedimentos técnicos foi pesquisa bibliográfica, documental e de campo.

O objetivo do estudo foi analisar a consolidação de um laboratório de línguas em um processo de internacionalização de uma ICES, como forma de fomentar o desenvolvimento regional. Inicialmente foi realizada pesquisa bibliográfica por meio da seleção de estudos nacionais e internacionais de relevância na temática. Esta fase, teve como intuito proporcionar sustentação a discussão do fenômeno estudado. Paralelo a isto, utilizou-se a técnica de coleta denominada de entrevista que foi realizada com o coordenador do laboratório de línguas e com o assessor de relações internacionais em atuação no ano de 2012 da ICES, bem como, pesquisa documental através dos relatórios da plataforma de inglês online.

Para a análise dos dados das informações coletadas nos relatórios e documentos do laboratório de línguas e dos relatórios da plataforma de inglês online foram usados os softwares *Microsoft Excel 2010*, *Statistical Package for the Social Sciences – SPSS*, versão 21, e o software *Statistical Analysis System – SAS*, versão 9. Foram realizadas análises de



estatística de frequência e descritivas (médias e desvios-padrão). Sendo esses achados triangulados com as entrevistas e com o referencial teórico, gerando os resultados e discussões da próxima seção.

4 Resultados e Discussões

A análise dos resultados está dividida em quatro blocos, sendo que neste primeiro é feita uma caracterização do laboratório de línguas da ICES em estudo, em um segundo momento analisada a primeira fase do projeto de ensino de inglês chamada Inglês no Campus, em uma terceira etapa analisado a segunda fase do projeto chamada Inglês em plataforma *online*, no quarto momento os grupos de leitura em inglês e por último os grupos de conversação.

4.1 Caracterização do laboratório de línguas da ICES em estudo

O laboratório de línguas universitário estudado existe enquanto ambiente de prática do curso de letras da instituição, entretanto, a partir do ano de 2013 passa a ser compreendido de modo diferenciado pela equipe de administração universitária, considerando-se o movimento de elaboração do PDI 2015-2019, e a visão de internacionalização. Assim, a consolidação institucional desse ambiente surge da necessidade de qualificar os projetos dos professores pesquisadores e seus bolsistas. Por meio de pesquisas realizadas por professores e alunos com foco no Inglês para Fins Específicos (ESP) e sua divulgação nos cursos de Administração, Economia e Ciências Contábeis, foram apontadas as dificuldades com o idioma e as necessidades principalmente envolvendo o ESP. Outro fator que fomentou a implantação desse projeto foi a divulgação da mídia, em escala nacional, que alunos do programa Ciência sem Fronteiras estavam retornando do intercâmbio, perdendo suas bolsas de estudos e as grandes oportunidades de estudos no exterior em função de não obtenção níveis de proficiência exigidos pelo programa.

Sob a administração da Vice-reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão (VRPGPE), o curso de Letras Inglês/Português da universidade ficou encarregado de organizar o curso pedagogicamente, pensando os materiais e estratégias didáticas a serem utilizados, proporcionando formações a seus professores planejando e discutido as novas abordagens de ensino e o papel das tecnologias neste processo. Um departamento da



instituição com *know how* na organização de cursos de diversas naturezas assumiu o gerenciamento do curso realizando também a logística e organização documental. O Escritório de Relações Internacionais da instituição também forneceu suporte, auxiliando na divulgação e na aplicação das provas de nivelamento aos alunos, sendo também um local de referência e apoio aos estudantes no que tange as dimensões de intercâmbio e demais questões de mobilidade acadêmica.

Considerando estas demandas, a universidade por meio de seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) prevê dentre seus objetivos e metas, a intensificação no estímulo à produção científica em periódicos de grande relevância nacional e internacional, ampliando também a participação na comunidade científica nacional e na constituição de redes de intercâmbio internacional, sendo necessário, propor soluções para permanecer à frente em seus desafios. No PDI (2015-2019) foi previsto subsídio total para a realização do curso de inglês no campus para bolsistas de iniciação científica, tecnológica, de docência e de extensão; e a abertura de cursos de inglês, sem fins lucrativos, para professores e demais estudantes e técnicos-administrativos interessados no aprimoramento pessoal e acadêmico

Para diagnosticar o nível de inglês dos estudantes bolsistas de iniciação científica e tecnológica, foram aplicados no segundo semestre de 2014, criteriosos testes de nivelamento para 91 alunos constatando-se o grande abismo entre o nível de inglês que possuíam e as necessidades do dia-a-dia acadêmico, considerando como parâmetro o *Common European Framework of Reference for Languages (CEFR)*, criado pelo Consulado Europeu (CAMBRIDGE, 2011, p.8).

Tabela 1 – Nível do inglês dos alunos da ICES no segundo semestre de 2014

Classificação do Nível de Inglês (CEFR, 2011)		Número de alunos (n)	Frequência de alunos (%)	Frequência de alunos acumulada (%)
<i>Beginner</i>	A1	16	17,6	17,6
<i>Elementary</i>	A1+	56	61,5	79,1
<i>Pre-intermediate</i>	A2	0	0	79,1
<i>Intermediate</i>	B1	7	7,7	86,8
<i>Upper-Intermediate</i>	B2	12	13,2	100
<i>Advanced</i>	C1	0	0	100

Fonte: Autores (2017)



Na tabela 1 os dados ilustram que, mesmo após anos de ensino de inglês no ensino fundamental e médio e, mesmo em alguns casos de frequência prévia a cursos de idiomas, estes se demonstram ineficientes e longe das necessidades dos estudantes. Em uma análise breve, aproximadamente 80% dos alunos da ICES estavam em 2014 em nível A1 e A2 que se referem a usuários básicos da língua e cerca de 20% estão entre usuários intermediários, que seriam falantes independentes, ainda sem um pleno desenvolvimento e comunicação através do idioma, processos de reflexão e leituras mais críticas. Usuários avançados, proficientes que conseguem perceber significados mais complexos e implícitos, com uma gama maior de vocabulário e consciência gramatical, não foram diagnosticados dentre os respondentes.

Diante deste quadro, a ICES em estudo, para viabilizar o seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) que prevê dentre seus objetivos e metas, a intensificação no estímulo à produção científica em periódicos de grande relevância nacional e internacional, ampliando também a participação na comunidade científica nacional e na constituição de redes de intercâmbio internacional, um processo de internacionalização, buscou-se instalar soluções para permanecer à frente em seus desafios. O LELU relaciona-se com a comunidade de diversas maneiras, com os cursos de graduação seus alunos e de maneira compulsória com os bolsistas, com os cursos de pós-graduação, com professores e funcionários por meio de seus cursos e atividades dirigidas.

4.2 Inglês no Campus

O Inglês no Campus foi o primeiro projeto de disseminação do inglês via LELU e Curso de Letras (Inglês/Português). A proposta era um curso direcionado a alunos de graduação e pós-graduação, professores e técnico-administrativos da ICES, visando potencializar toda essa gama de estudantes com seus conhecimentos mais diversos auxiliando-os a se constituírem enquanto sujeitos através de outra linguagem e outra cultura consequentemente adquirindo um novo repertório linguístico que possibilite a comunicação oral e escrita e a negociação de novos sentidos para o conhecimento já existente. Por meio de cinco módulos semestrais, em um total de 300 horas distribuídas em módulos de 60 horas semestrais, com vivência das situações reais de comunicação e de uso da língua, seguindo a abordagem comunicativa de ensino de línguas (ALMEIDA FILHO, 1993), por



meio de materiais didáticos específicos para o desenvolvimento de habilidades orais (*listening - speaking*) e escritas (*Reading – writing*).

Após o quinto módulo (ou mesmo antes de concluí-lo), o aluno poderia continuar seus estudos no idioma, por meio do curso voltado à Língua Inglesa para Fins Acadêmicos (*English for Academic Purposes*), que é oferecido pela instituição, ou mesmo o curso de Leitura Acadêmica em Língua Inglesa, já oferecido, semestralmente, e que pode ser realizado concomitantemente ao curso ora proposto. Isso se justifica em virtude de que os objetivos comunicativos e necessidades do público que busca o Inglês no Campus ser diretamente relacionado ao *English for General Purposes - Inglês para fins gerais (EGP)*, algo que, certamente, deve ser complementado e aperfeiçoado em cursos subsequentes voltados às diversas áreas acadêmicas (BHATIA, 2014). Além dos alunos de iniciação científica e tecnológica, o curso Inglês no Campus abriu novas turmas para que professores e colaboradores da instituição investissem na sua carreira. Pensando na escassez de tempo dos colaboradores, o curso é propositivo, de modo que grupos de no mínimo 10 alunos podem sugerir os dias da semana e o horário que melhor se encaixem em suas disponibilidades, organizados dentro das possibilidades dos professores envolvidos no curso.

Assim, conforme tabela 1, apenas no ano de implementação do curso, o Programa Inglês no Campus proporcionou que 91 alunos realizassem estudos em língua inglesa no segundo semestre do ano de 2014, sendo que 72 deles eram bolsistas com isenção total dos custos do curso, adquirindo somente o material didático. Além disso, os alunos bolsistas de iniciação científica e tecnológica, realizavam os estudos de língua inglesa dentro da carga horária destinada a suas atividades cobertas pela bolsa.

Conforme levantamento feito nas chamadas dos alunos nos anos de 2014 e 2015, havia um índice de faltas de 22%, considerando que o curso era de 60 horas semestrais, isso significa que em média os alunos do inglês no campus faziam 47 horas presenciais de aulas de inglês por semestre.

Tabela 2 – Nível do inglês dos alunos da ICES no primeiro semestre de 2015



Classificação do Nível de Inglês (CEFR, 2011)		Primeiro Semestre 2015									
		Bolsistas		Func.		Docentes		Outros		Total	
		nr	%	nr	%	nr	%	Nr	%	nr	%
Elementary	A1+	30	23,6	4	3,1	8	6,3	14	11,0	56	44,1
Pre-intermediate	A2	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Intermediate	B1	43	33,9	4	3,1	1	0,8	8	6,3	56	44,1
Upper-intermediate	B2	9	7,1	0	0,0	0	0,0	6	4,7	15	11,8
Advanced	C1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total		82	64,6	8	6,3	9	7,1	28	22,0	127	100,0

Fonte: Autores (2017)

Na tabela 2 o curso Inglês no Campus contava com 127 inscritos, sendo que o número de bolsistas teve um acréscimo de 14% passando a 82 alunos bolsistas que realizavam estudos de língua inglesa no primeiro semestre do ano de 2015. Também 45 alunos, entre técnicos, docentes e alunos pagantes durante esse semestre desembolsaram em torno de um salário mínimo semestral para qualificar seu inglês.

Tabela 3 – Nível do inglês dos alunos da ICES no segundo semestre de 2015

Classificação do Nível de Inglês (CEFR, 2011)		Segundo Semestre 2017									
		Bolsista		Func.		Docente		Outros		Total	
		nr	%	nr	%	nr	%	nr	%	nr	%
Elementary	A1+	43	41,7	3	2,9	0	0,0	0	0,0	46	44,7
Pre-intermediate	A2	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	1,0	1	1,0
Intermediate	B1	30	29,1	0	0,0	0	0,0	2	1,9	32	31,1
Upper-intermediate	B2	17	16,5	0	0,0	5	4,9	1	1,0	23	22,3
Advanced	C1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	1,0	1	1,0
Total		90	87,4	3	2,9	5	4,9	5	4,9	103	100,0

Fonte: Autores (2017)

O subsídio total para a realização de curso de inglês no campus para bolsistas de iniciação científica, tecnológica, de docência e de extensão permaneceu no segundo



semestre de 2015, bem como, a inscrição automática para o próximo semestre, o que proporcionou que o número de bolsistas inscritos aumentasse em 10% no semestre, passando de 82 alunos para 90, conforme tabela 3. Já os alunos que eram técnicos, docentes e alunos pagantes diminuí de 45 para 13 pessoas, sendo que foram apontados três motivos para essa diminuição, o mais lembrado foi a dificuldade de renovar a inscrição, era tudo feito de forma manual, outro motivo era a falta de divulgação e a terceira era que, apesar de o curso de inglês ser sem fins lucrativos, havia um valor repassado referente aos custos.

Neste contexto, surge a proposta de no próximo ano as aulas serem EAD, visando baratear os custos e facilitar as inscrições, atendendo um número maior de alunos. Em 2016 encerra-se o Inglês no Campus e inicia as atividades do Inglês EAD via plataforma *online*.

4.3 Inglês EaD em plataforma online

A plataforma de ensino de Inglês EaD *online* modifica a dinâmica do ensino de inglês, pois segundo Santos (1999) as TIC permitem a democratização de acesso a um universo de informações, já Castells (2013) afirma que uma média de 97% da informação do planeta está digitalizada e que 80% dessa informação está disponível para acesso na internet,

O Curso de Inglês *online* foi escolhido por meio de uma parceria firmada entre a ICES em estudo e o COMUNG (Consórcio das universidades comunitárias gaúchas) com o objetivo complementar os estudos em Língua Inglesa dos alunos, docentes e funcionários administrativos das instituições de perfil semelhante. Os alunos desta plataforma podem realizar seu curso através de desktop, tablet e/ou smartphone, utilizando-se de conteúdos conforme seu nível de proficiência. Além disso, os estudos realizados em ambiente digital, são complementados com atividades presenciais no LELU, por meio de grupos de conversação e estudos dirigidos. É oferecido de forma presencial sessões de tira-dúvidas para que os alunos possam realizar a ambientação à plataforma digital, desenvolvendo maior autonomia em seu uso.

O curso possui 15 níveis (básico ao avançado), totalmente em inglês, ou seja, a comunicação, e-mails, exercícios e aulas de conversação, em todos os níveis são em Língua Inglesa. No ano de 2016, o curso de inglês *online* teve 533 alunos, ou seja, dos 299 inscritos no primeiro semestre e 298 no segundo semestre. Destes 67 permaneceram no



programa de um semestre para o outro, ou seja, 22% dos inscritos permaneceram matriculados no curso. Dentre os motivos principais para a não permanência estão o encerramento do contrato de bolsas e a conclusão do curso de graduação.

Tabela 4 – Análise de frequência do curso de Inglês *online* em 2016

Curso de Inglês <i>Online</i> 2016	Primeiro Semestre			Segundo semestre		
	Frequência	Porcentual	Porcentagem acumulativa	Frequência	Porcentual	Porcentagem acumulativa
<i>Beginner</i>	97	32,4	32,4	118	39,6	39,6
<i>High Beginner</i>	105	35,1	67,5	76	25,5	65,1
<i>Low Intermediate</i>	25	8,4	75,9	40	13,4	78,5
<i>Intermediate</i>	47	15,7	91,6	43	14,4	92,9
<i>High Intermediate</i>	12	4,1	95,6	5	1,7	94,6
<i>Low Advanced</i>	7	2,3	97,9	3	1	95,6
	6	2	100	13	4,4	100
Total	299	100		298	100	

Fonte: Autores (2017)

Na tabela 4 pode-se observar que o índice de *Beginner* e *High Beginner*, que seria o inglês para iniciantes no primeiro semestre era o nível de 67,5% dos alunos, enquanto no segundo semestre houve uma pequena queda para 65,1% dos alunos, confirmando a grande defasagem do inglês nos acadêmicos da ICES.

Tabela 5 – Análise descritiva curso de Inglês *online* 2016



Curso de Inglês <i>online</i> 2016		N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Primeiro semestre	Horas de estudo	269	0	83	6,2	80,7
	Atividades	265	2	2282	170,4	215,6
Segundo semestre	Horas de estudo	239	0	61	4,0	6,8
	Atividades	225	1	1650	101,3	179,1

Fonte: Autores (2017)

No primeiro semestre de 2016 houveram 299 inscrições efetivadas, sendo que dos 265 (88,3%) que fizeram alguma atividade no portal, o aluno que fez menos efetuou duas atividades e o que fez mais, efetuou 2.282 atividades. Também se observou que 35 alunos (11,7%) não efetuaram nem uma atividade. Ainda, segundo a tabela 5 houveram alunos que não destinaram nenhuma hora para estudos enquanto o que mais destinou tempo utilizou o portal durante 83 horas de estudos.

No Segundo semestre de 2016 houveram 298 inscrições efetivadas, sendo que dos 225 (75,5%) que fizeram alguma atividade no portal, o aluno que fez menos efetuou uma atividade e o que fez mais, efetuou 1650 atividades. Também se observou que 73 alunos (24,5%) dos alunos que se cadastraram não efetuaram nem uma atividade. Ainda, segundo a tabela 5 houveram alunos que não destinaram nenhuma hora para estudos, enquanto o que mais destinou tempo, utilizou o portal durante 61 horas.

Este cenário confirma o interesse deficitário de parte dos alunos da ICES em aprimorar o seu inglês, enquanto alguns alunos aproveitam a oportunidade e atingem níveis elevados de dedicação e conhecimentos na língua inglesa. Também pode-se observar que as ferramentas EaD e as TICs são produtos que por atingem uma população maior, acabam formando um público heterogêneo com grandes diferenças.

Na tabela 5 ainda se observou que no primeiro semestre os alunos destinaram em média seis horas (6,2) no semestre para estudos de inglês na plataforma *online* e efetuaram uma média de 170,4 atividades, enquanto no segundo semestre os alunos destinaram em média quatro horas (4) no semestre e efetuaram uma média de 101,3 atividades.



4.4 Grupos de conversação e estudos em inglês

O LELU disponibiliza à comunidade acadêmica e externa a participação em grupos de conversação e estudos em língua inglesa e espanhola a partir da proposição de um texto provocador, seja oral, escrito, midiático ou vídeos. Além dos alunos matriculados no curso de inglês *online*, participam alunos de diversos cursos de graduação, professores e membros da comunidade externa, formando grupos com áreas de estudos e níveis de proficiência afins.

4.5 Grupos de leitura em inglês

No ano de 2017, o LELU em parceria com os departamentos de Mestrado e Doutorado da ICES, grupos de alunos interessados em leitura de artigos e materiais em Inglês começam a serem formados. O objetivo é serem feitas leituras de conteúdo específicos dos cursos utilizando um modelo interativo de Rumelhart (1977) que une o conhecimento linguístico e o conhecimento prévio, integrando os modelos ascendentes e descendentes, ou seja, leitura que analisa tanto os aspectos microestruturais como macroestruturais do texto.

Os alunos são instruídos nas aulas de estratégias de leitura em língua inglesa a fazerem primeiramente uma leitura empregando *skimming*, ou seja, uma compreensão geral, onde passa os olhos e observar título, subtítulos, figuras, gráficos, tabelas, enfim, o *layout* do texto. Em um segundo momento faz uma leitura empregando *scannig*, ou seja, uma compreensão de partes mais importantes do texto segundo o leitor. No terceiro momento faz uma leitura que percorre o texto na íntegra, negociando os sentidos do texto com os conhecimentos já existentes, extrapolando os significados propostos, indo do conhecimento de mundo, para o conhecimento obtido com a leitura, ampliando os conhecimentos do mundo do leitor.

Alguns departamentos da ICES realizam encontros de bolsistas com os tutores do LELU, com o intuito de preparar os alunos para a realização de leitura de artigos em língua inglesa, para os mesmos utilizarem esse material nos estudos que realizam e na preparação de artigos sobre os projetos em que participam.

5 Considerações Finais



Este estudo teve como objetivo analisar a consolidação de um laboratório de línguas em um processo de internacionalização de uma Instituição de Ensino Comunitária (ICES), como forma de fomentar o desenvolvimento regional. Evidenciou-se a consolidação do LELU no processo de internacionalização da instituição, no momento em que existe um processo contínuo de projetos sendo desenvolvidos, atuando em diversas frentes: ensino de inglês por meio de curso *online*, encontros de conversação, grupos de leitura em inglês considerando atuação consistente e contínua com alunos, bolsistas e professores de diferentes cursos.

Os dados levantados neste estudo devem ser utilizados pela ICES para auxiliar na direção das próximas ações no projeto de internacionalização. A média de hora/aula de inglês por semestre dos alunos presenciais do inglês no campus (47 horas) e a dos alunos do inglês na plataforma *online* (6,2 e 4 horas) levam a sugestão de adoção de um terceiro estágio de ensino de inglês misto (*blended learning*), com aulas presenciais regulares e *online*. Como forma de otimizar o uso e participação no curso de inglês *online* por seus alunos, recomenda-se uma série de medidas: número mínimo de participação em aulas presenciais de modo compulsório no LELU com horários flexíveis; participação de no mínimo 40 horas semestrais em atividades *online* como critério para renovação das bolsas, considerando-se que o estudo de língua inglesa é uma atividade inerente ao benefício; inclusão de alunos de pós-graduação no hall de beneficiados com o subsídio institucional para participação no curso de inglês *online*; divulgação massiva do curso de inglês EaD e do LELU a todos os alunos ingressantes na universidade, de modo a desenvolver uma cultura institucional de estudo e prática de língua inglesa, de modo a provocar uma radical mudança no perfil do aluno egresso da instituição.

Com o encerramento Ciência sem Fronteiras em 2017, o intercâmbio foi dificultado pela falta de bolsas para alunos estudarem no exterior, mas, existem projetos de organizações particulares que premiam com bolsas de estudos alunos que se destacam no meio acadêmico. Investir no ensino de língua inglesa para os alunos e principalmente atrelar os bolsistas de projetos de pesquisas da ICES à qualificação do inglês falado e escrito, permitirá uma maior mobilidade acadêmica, maior intercâmbio de informações e uma qualificação das pesquisas realizadas na instituição, fomentando a inovação e o desenvolvimento da região de atuação da ICES.



Esta pesquisa proporcionou a ICES em estudo, dados necessários a auto avaliação, como ferramenta indispensável para reconhecimento dos seus pontos fortes e de suas fragilidades. O processo de internacionalização universitária apresenta-se como uma estratégia para aprimorar a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão universitária. Assim, mais do que uma tentativa de aumentar índices que possam levar a uma maior projeção internacional, é um investimento com intuito de fortalecer suas relações com a comunidade na qual está situada por meio de uma formação humana integral.

Sugere-se para futuros estudos, um levantamento com o objetivo de verificar o nível de proficiência linguística da comunidade acadêmica, bem como, seu interesse e reais possibilidades de dedicar-se ao estudo de uma segunda língua, considerando-se para isso uma amostra mais ampliada. Além disso, acompanhar o emprego da língua inglesa pelos projetos de pesquisa adscritos à instituição, pois esses programas contribuem diretamente na produção de conhecimento e com o desenvolvimento da região em que a ICES pesquisada atua.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas.** Pontes, 1993.

ALMEIDA, V. P. de ***Conhecendo as regras do jogo: a competência comunicativa e os manuais didáticos de ensino de inglês como língua estrangeira.*** Brasília: Universidade de Brasília, 2012 (Tese de Doutorado).

BERNHEIM, C. T. **Desafios da universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior.** Brasília : UNESCO, 2008. .

BHATIA, Vijay Kumar. **Analysing genre: Language use in professional settings.** Routledge, 2014.

BRASIL. **Lei nº 12.881, de 12 de novembro de 2013.** Dispõe sobre a definição, qualificação, prerrogativas e finalidades das Instituições Comunitárias de Educação Superior - ICES, disciplina o Termo de Parceria e dá outras providências. Disponível em:

VIII Seminário Internacional sobre

Desenvolvimento regional

Territórios, redes e
Desenvolvimento Regional:
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação
**Desenvolvimento
Regional**
mestrado e doutorado



https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12881.htm>. Acesso em: 30 dez. 2016.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 12 abr. 2017.

CAMBRIDGE ESOL. **Using the CEFR: Principles of Good Practice**. Cambridge: University of Cambridge ESOL, 2011, p. 8

CAPES - **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. Desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação. Disponível em: < <http://www.capes.gov.br/>> Acesso em: 26 abr. 2017.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet**, os negócios e a sociedade. Tradução de: BORGES, M. L. X. de A. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

DOUGLASS, J. **A internacionalização das universidades vista por três especialistas estrangeiros**. Publicada originalmente no Jornal da Unicamp. Revista Ensino Superior Unicamp. Dez. 2010

FRANCO, M. E. D. P. **A educação superior no Brasil**. Porto Alegre: CAPES/ IESALC, nov.2002.

GARDNER, Robert C. **Motivation and second language acquisition**. 1999.

GOODMAN, Kenneth S. Reading: A psycholinguistic guessing game. **Literacy Research and Instruction**, v. 6, n. 4, p. 126-135, 1967.

KATO, Mary A. **O aprendizado da leitura** 5 a. ed. 1999.

KNIGHT, J. Cinco verdades a respeito da internacionalização. Knight é professora adjunta do *Ontario Institute for Studies in Education*, Universidade de Toronto. **Revista de Ensino Superior da UNICAMP**.

KRAWCZYK, N. R. As políticas de internacionalização das universidades no Brasil: o caso da regionalização no Mercosul. **Jornal de Políticas Educacionais**. nº 4, pp. 41–52, jul./dez. 2008.



LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LIMA, M. C.; CONTEL, F. B. Características atuais das políticas de internacionalização das instituições de educação superior no Brasil. **Revista E-Curriculum**, v. 3, n. 2, p. 1 – 25, jun. 2008.

LUHMANN, N. *Soziologische Aufklärung 2*. **Opladen**: Westdeutscher, p.51-71: Die Weltgesellschaft. 1975.

MURPHY, M. Experiences in the internationalization of education: Strategies to promote equality of opportunity at Monterrey Tech. **Higher Education**. v. 53, n. 2, p. 167-208, fev. 1999.

NOGUEIRA, M. das D. P. (org.). **Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas**. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

NUTTAL, C. **Teaching reading skills in a foreign language**. Hong Kong: Macmillan Heinemann. 1996.

PANIZZI, W. M. **Cooperação internacional: solidariedade e diálogo entre iguais?** In: GAZZOLA, A. L. A.; ALMEIDA, S. R. G. **Universidade: cooperação internacional e diversidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

RICHARD, J. **Communicative language teaching today**. Cambridge: CUP, 2006.

RICHARDS, J. and RODGERS, T. **Approaches and methods in language teaching**. Cambridge: CUP, 1999.

ROBY, W. B. Technology in the service of foreign language teaching: The case of the language laboratory. In: D. Jonassen (Org.) **Handbook of Research on Educational Communications and Technology**. 2nd ed. 2004. p. 523-541. Disponível em: <<http://www.aect.org/edtech/19.pdf>>. Acessado em: 25/02/2017.

RUMELHART, David E. **Toward an interactive model of reading**. International Reading Association, 1994.

SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós modernidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

VIII Seminário Internacional sobre

Desenvolvimento regional

Territórios, redes e
Desenvolvimento Regional:
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação
**Desenvolvimento
Regional**
mestrado e doutorado



SAVIGNON, S. J. **Communicative Language Teaching**: State of the Art. *TESOL Quarterly*, vol. 25, No. 2. (Summer, 1991), p.261 -277.

SCHRIEWER, J. Sisterna mundial e inter-relacionamento de redes: a internacionalização da educação e o papel da pesquisa comparativa. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. v. 76, n. 182/183, p. 1-64, 1995.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler**. 1989.

UR, P. **A course in English language teaching**. Cambridge: CUP, 2 ed. 2012.

VYGOTSKI, L. S. A formação social da mente. 7. ed. São Paula: Martins Fontes 1999.

WERTHEIN, J. **A sociedade da informação e seus desafios**. Publicado em: 04/2000.
Disponível em: . Acesso em: 02/03/2017.